

NA FRENTE DA BATALHA: Artilheiros ingleses carregando uma peça

(«Gletho» M. Branger).

Segunda série — N.º 466

Lisboa, 25 de Janeiro de 1915

## Ilustração Portuguesa

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L. DA  
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição  
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal  
**O SEculo**

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
ANO.....	4880	

Agencia da ILUSTRACAO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

# Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispõem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276      PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Encomenda telegrafica em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa. 605—Porto, 117**

## CAPITAL

Arões .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização .....	266.400\$000
Réis .....	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria

das fabricas do Prado, Marianaia e



FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

AGENCOR

REMEDIO FRANCÉS

**XAROPE FAMEL**

CURA  
INFALLIVEMENTE  
BRONCHITES  
Mesmo Chronicas

**TOSSES  
ASTHMA**

**FRASCO 1 ESCUDO**

Em todas as farmacias ou no deposito geral  
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.  
Franco do porte compranda 2 frascos.

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo effeito.

**PREÇO: 360 réis**

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vaee acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

# O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO. 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas: prestação de serviços technicos: analyses e informações.

POR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO



### A lista dos mortos

Portugal leu ha dias, com profunda comoção, a primeira lista dos seus mortos de Africa. Cincoenta e tres portuguezes, sem contar os desaparecidos, cujo destino se ignora, e os feridos graves, por cuja vida se receia, caíram ao sol heroico de Nau-lila, varejados pelas metralhadoras alemãs. Uma vez mais, as areias africanas se embeberam de sangue portuguez. Foi um desastre? Não. Foi um estímulo. Esses cincoenta e tres nomes não são um pregão de luto; são um clarão de gloria. Não são a morte; são a vida. Novas tropas portuguezas, lampejantes de baionetas e de entusiasmo, acabam de partir para as terras ardentés do Cunéne. Na sua alegria, vae a nossa resposta. A um dobre de finados, Portugal responde com um toque de clarim.



### Italia

Toda a gente sabia que o medo italiano se tinha instalado definitivamente no gabinete de Vienna-d'Austria. A Italia armava-se; na opinião publica acendia-se, cada vez mais vivo, o sonho do «irredentismo»; a subscrição do empréstimo de guerra atingira cincoenta e dois milhões de libras; acumulavam-se tropas na fronteira; por detraz da sombra de Machiavel aparecia o *Condottiere* de Antonio de Messina. Perante o perigo italiano, que fez o chanceler conde de Berchtold? Demitiu-se. Porquê?

Porque o Kaiser lhe negou um general e um exercito alemão para opôr ás ameaças da Italia. Não teve razão o conde de Berchtold. A Providencia encarregou-se de lhe mandar um general formidavel, que em dois ou tres segundos assolou os Abruzzos, fendeu montanhas, abriu rios, destruiu cidades, abalou S. João de Latráo, sacudiu a cúpula de S. Pedro de Roma e sepultou nas ruinas de Avezano e de Sora, de Pescina e de Celano, trinta mil cadaveres : o general Terremoto.



### Gatunas de forasteiros

Tenho o prazer de lhes apresentar a «Marianinha» e a «Elvira Varina». Exercem uma industria multi-simpatica: são gatunas de forasteiros. Um agente de policia prendeu-as: fez mal. Em primeiro logar, ha criminosos cuja existencia depende necessariamente da existencia d'um tolo. Ha roubos em que a circumstancia mais revoltante é a estupidez dos roubados. Tão logicamente como o cavaleiro é uma consequencia necessaria do cavallo, — a gatuna de forasteiros é a consequencia inevitavel d'um peda-

ço d'asno. E da existencia dos pedaços d'asnos não seria justo pedir-se a responsabilidade aos gatunos. Mas ainda ha mais. O roubo da gatuna de forasteiros, pelas circumstancias especies em que é cometido, constitue, por si só, o castigo d'uma immoralidade. E todo o ato d'onde resulte o castigo da immoralidade, é, por isso mesmo, um ato moral. Quer isto dizer que eu não ache justa a intervenção da policia? De modo nenhum. Entendo que a policia deve intervir, — prendendo os forasteiros.



### Eusébio Macario

Os srs. Leão e Irmão, editores do Porto, estão prestando um inestimavel serviço ás letras: a reedição, na sua *Coleção Lusitana*, d'algumas obras-primas de Camilo Castelo Branco.

Chegou agora a vez ao *Eusébio Macário*, caricatura a admiravel dos romances rea'istas do tempo, onde o grande Mestre, n'um recanto mordido de sol da terra barrozá, levanta as figuras eternas do *José Fistula*, da *Felicia*, do *Bolicario*, do bra-



zileiro *Bento* e do *Padre Jusino de Padornelos*. Não será — ele proprio o diz — o melhor romance de Camilo. Mas ha n'essa roça de génio aos *Rougon Macquart*, talvez a pagina mais dramatica e mais bela de toda a literatura portuguesa: a morte do lobo.





# ALMA VARONIL

Um reflexo luminoso no tecto do quarto atrafu a atenção de Godofredo Heriot, que se sentou repentinamente na cama. Só uma luz no gabinete de seu pae seria capaz de dar semelhante clarão; e seu pae, o general Heriot, saíra de Londres no dia antecedente, confiando nos doze anos de Godofredo.

—O mais provavel é que não suceda coisa alguma extraordinaria emquanto eu me ausento — disséra ele sorrindo. — Mas deixo as coisas ao teu cuidado, Godofredo. Por precauçã fecho á chave o meu gabinete.

O rapazinho nada respondera mas adivinhou que no gabinete de seu pae devia haver papeis importantes. Muitas vezes isso sucedia, particularmente nos ultimos tempos, em que o general Heriot estava tomando uma parte proeminente nos acontecimentos do seu paiz.

E agora, alguém tinha entrado no gabinete de seu pae, onde havia luz ás trez horas da madrugada. Quem poderia ter entrado ali?

Godofredo deslisou brandamente do leito e vestiu-se sem ruido n'um momento; depois, deteve-se a refletir. Estava só com duas criadas n'uma casa completamente isolada. Por si tinha apenas doze anos e era menos robusto que a maioria dos rapazes da sua idade.

Se tivessem entrado ladrões que pro-





habilidades teria a seu favor para lutar sósinho com homens feitos?

Saiu do quarto com as maiores precauções e desceu cautelosamente pela escada interior até ao jardim, parando junto da janela d'onde saía a luz. Debruçando-se vira que a janela fôra arrombada e ficara entreaberta. No gabinete de seu pae, Godofredo viu dois homens, papéis espalhados pelo chão, gavetas abertas e revolvidas de modo que não deixavam subsistir duvida alguma de que se não estava em presença de ladrões vulgares. Aquelles homens tinham vindo, seguramente, apoderar-se dos documentos do general.

Se ao menos Godofredo pudesse...

De subito apagou-se a luz.

O rapazinho recuou até á parede e esperou imóvel sustendo a respiração. Viu os dois ho-

deria se tentasse atrair a atenção de alguém, o que aliás seria quasi impossivel com a velocidade que o carro adquirira. Além de que, Godofredo sentia que era preciso estar com os seus detentores porque enquanto ali estivesse sabia que os documentos estavam em segurança, e não faria qualquer tentativa para fugir. Se ao menos pudesse descobrir um meio de os reaver...

O automovel foi obrigado a fazer alto varias vezes no trajeto deante das sentinelas, sem que o homem que o guiava fizesse a minima resistencia para lhes iludir a vigilancia. Trocavam algumas palavras, mostrava-se um salvo-conduto e o carro seguia com a mesma velocidade.

De manhã estavam em Newcastle e entravam n'um hotel para almoçar. Antes de en-



mens saltarem para o jardim, mas fôra tambem visto. Sentiu pesar-lhe no hombro uma mão de ferro que o arrastou para diante. Ouviu os desconhecidos trocarem entre si algumas palavras n'uma lingua estrangeira; depois ouviu o homem que o segurava ainda dizer-lhe no mais puro inglez:

—Levamos-te conosco.

Godofredo foi impellido até um ponto da estrada onde esperava um grande automovel, tendo á frente bem em evidencia as letras O. H. M. S., o qual parara a uma distancia sufficiente para não ser notado de casa do general Heriot.

Os dois homens sentaram a creança entre si; um tomou o governo do carro e o outro, vi-giando Godofredo, avisou-o do que lhe suce-

trarem o captor de Godofredo, que era a sua sombra, olhando casualmente para um anel que trazia disse como para si mas de modo audivel:

—Cousa curiosa! Basta-me tocar n'uma pessoa com este anel carregando de lado e impedil-a-hei para sempre de falar.

Godofredo sentiu bem que se falasse soffria o contacto do tal anel e então...

A' mesa sentaram-n'o a um topo com as costas para a parede enquanto tomavam o outro topo, abancando, os desconhecidos, um de frente do outro.

A' medida que almoçava, Godofredo sentia-se desanimar. De subito os seus olhos fixaram-se nos d'um homem alto e forte, com apparencia de militar, que estava sentado a outra mesa no extremo oposto da sala.

Um pensamento instantaneo atravessou o espirito de Godofredo Heriot. Lembrou-se de que aprendera brincando e fixára melhor que qualquer outra coisa o alfabeto de Morse. Se...

Pegou febrilmente n'uma colher e começou a fazer com ela no seu pires um tenido que em linguagem telegrafica significava:

«Entende-me?»

Parou e esperou na maior anciedade o resultado da sua tentativa.

O joven militar parecia não dar atenção. D'aí a poucos instantes fez-se ouvir um tenido semelhante. Godofredo percebeu distintamente:

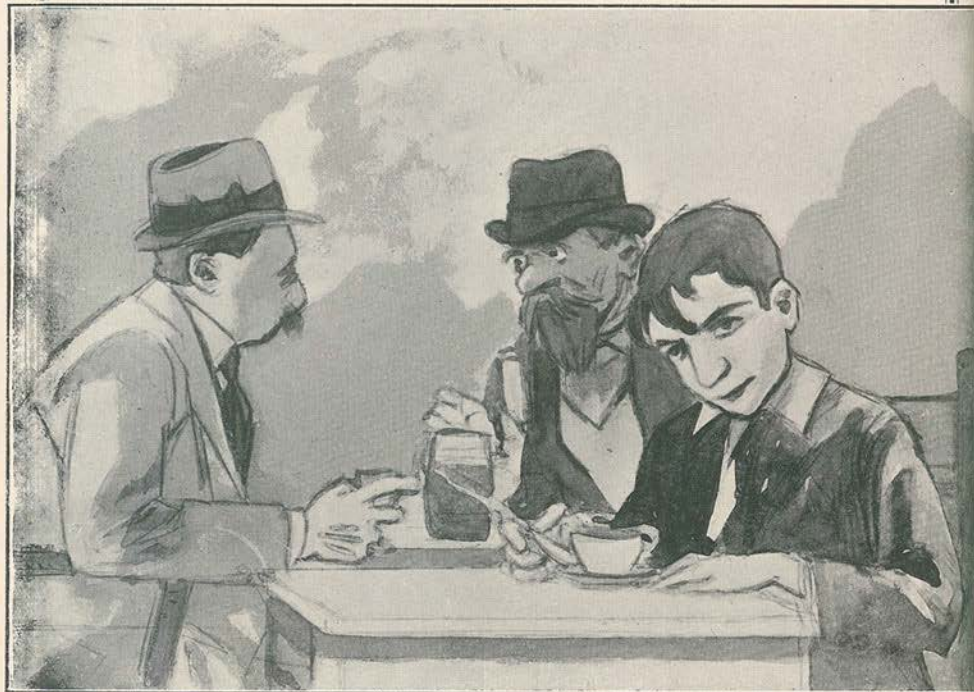
«Sim... Corre algum perigo?»

A criança estava em tal excitação que mal

para longe ao passo que o militar se levantava, fechava a porta da sala e guardava a saída com o proprio corpo.

Durante alguns minutos foi horrivel a confusão.

Quando o general Heriot chegou a Newcastle, os dois estrangeiros haviam sido identificados. Eram dois ricaços alemães que desde algum tempo se haviam tornado suspeitos sem contudo se terem podido aduzir provas que os condenassem. Os salvo condutos, que os assinalavam como officiaes inglezes perante as sentinelas, eram falsos, e o beneficio d'elles tinha conseguido levar até ali os do-



podia conter-se sentada. Com mão tremula mas vigorosa retiniu:

«Salve-me. Sou filho do general Heriot. Estes homens roubaram os seus papeis. Ignoro para onde me levam. Se...»

Não poude acabar. A principio os desconhecidos, falando acaloradamente atravez da mesa tinham-se aborrecido com o tenir da louça sem dar bem atenção; mas de repente um d'elles arrancou a colher da mão de Godofredo, exclamando furioso:

—Estás a fazer sinais! Muito bem, meu rapaz...

Cheio de coragem agora que se não sentia só, Godofredo deu um salto sacudindo a mesa, derrubou o que ela continha e fugiu

cumentos subtraídos no gabinete do general inglez, os quaes teriam transitado até ao campo inimigo se a coragem de Godofredo não tivesse frustrado esse nefando plano.

Quanto ao intrepido rapaz não lhe faltou a recompensa. O dia mais feliz da sua vida foi aquele em que seu pae, com os modos bruscos de velho general, lhe disse rudemente:

Muitas vezes desejei que tivesses saído mais robusto, Godofredo, parece bem que o sabes. Era tolice. Nenhum pae na nossa Inglaterra pode orgulhar-se de um filho como eu hoje me orgulho de ti, meu rapaz.

HILDA NIELD.



## O grande tremor de terra em Itália

A Itália, esse admirável paiz da arte que tantas belezas encerra nos seus edificios grandiosos e nas suas egrejas monumentaes foi ferida por mais uma desgraça que emocionou todo o mundo. A terra, n'uma convulsão espantosa, sacudiu uma parte d'aquelle paiz, derrubando casas que, na sua queda, sepultaram milhares e milhares de vitimas que foram surpreendidas pelo fenomeno sismico. Ficaram em ruinas as cidades de Avezzano e Sora, na provincia de Caserta, e Pescina, Isola e Celano na provincia de Aquila.

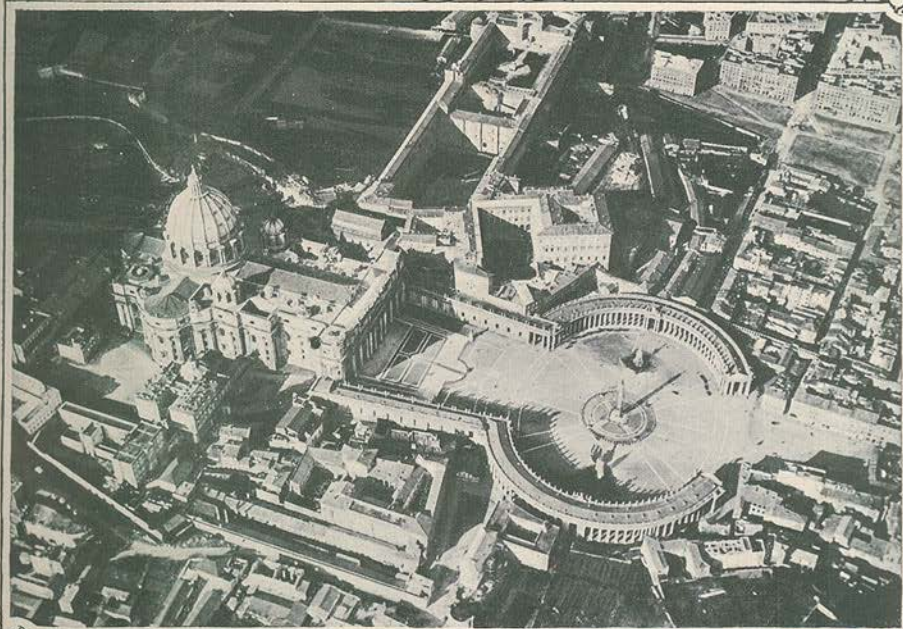
Muitas vilas e aldeias ficaram igualmente em escombros, sendo desolador o aspéto d'aquellas ruinas.

Da cidade de Avezzano ficou apenas um sobrevivente, como que providencialmente destinado a poder narrar a historia do tragico acontecimento que enluta uma nação digna de todos os respetos e amizade.

O abalo foi tão intenso que montanhas enormes caíram umas sobre outras, rolando alguns kilometros e mudando por completo a topografia dos sitios atingidos pela furiosa convulsão.

O governo italiano tomou logo as mais energicas providencias para socorrer os feridos e cuidar dos desgraçados que perderam todos os seus haveres e se refugiaram pelas florestas, horrorizados do extraordinario espetaculo, que o maior dos infortunios lhes deparou.

Todas as nações enviaram condolencias ao governo italiano pela enorme catastrophe que sofreu aquele povo



1. A cupula da egreja de S. Pedro em Roma, danificada pelo tremor de terra—2. Aspéto parcial da cidade de Roma, vendo-se o Vaticano—(«Clichés. Abentacar»)



## UM ATO DE INSUBORDINAÇÃO



Não nos bastava a situação grave em que nos encontramos perante o conflito europeu, tendo já a Alemanha rompido as hostilidades contra nós. Faltava ainda que alguns officiaes da guarnição de Lisboa, esquecidos dos seus deveres de disciplina e do que a Patria lhes exige hoje mais que nunca em sua defeza, se pronunciassem de fórma ostensivamente sediciosa contra o regimento, colorindo com o pretexto de solidariedade com um official transferido de um regimento para o outro, um ato que, aos olhos do paiz, se irmanava perfeitamente com os movimentos monarchicos, decididos a comprometer a propria in-



1. Os officiaes de lanceiros 2 e cavalaria 4 presos, no rebocador que os conduziu para a fragata «D. Fernando»-2. O tenente coronel X Sousa Rosa, dando a voz de prisão aos officiaes de lanceiros.-3. Os officiaes presos saindo da secretaria de cavalaria 4 para entrarem nos automoveis. A' porta o X tenente-coronel Sousa Rosa.

dependencia nacional.

Felizmente que, como os anteriores, este foi imediatamente reprimido. A Republica continúa a ter soldados fieis e dedicados, elementos de confiança, sempre prontos a defendel-a das investidas dos seus inimigos. A indignação do paiz por esta insurreição, que ninguem esperava n'esta hora de excepcional perigo, foi geral e veemente, e de toda a parte se reclamam do governo medidas rapidas e eficazes que nos assegurem a tranquillidade interna, primeira condição para podermos, o mais dignamente possivel, sair da medonha tormenta que rugue em volta de nós.



Infantaria 2ª em linha de atiradores contra as trazetas do quartel de lanceiros, nos terrenos do Casal dos Ossos.





1. e 2. Na calçada da Ajuda, em frente a cavalaria 4, o tenente-coronel X sr. Sousa Rosa falando com os oficiais de lancetiros 2-3. No Bom Sucesso: O coronel de infantaria 2, sr. Boa Ventura Noronha, seguido dos oficiais presos. 4. Junto da doca do Bom Sucesso: Os oficiais presos aguardam a chegada do rebocador. No pri-



7. A força de cavalaria 4, na calçada da Ajuda: Os oficiais de lancetiros já presos antes de entregarem as espadas

meiro plano, sentados, o capitão sr. Martins de Lima e o coronel de infantaria 2 que os conduzia - 5. No posto do gaz: Os oficiais presos passando pelas barcaças carregadas de carvão para o rebocador. 6. A cavalaria da guarda republicana na calçada da Ajuda, quando os oficiais entraram nos a u tomovéis.



Na calçada da Ajuda: Os oficiais presos entregam as espadas ao comandante de cavalaria 4, que as passa depois a uma ordenança. — («Clichés» Benoitel).



## O Velho Mundo em guerra

Das poucas operações, que um rigoroso inverno tem permitido fazer, os exercitos aliados tem saído sempre vencedores. Emboia palmo a palmo, os alemães continuam a ceder terreno e a sofrer sensíveis baixas; a ação da sua artilharia tem largas intermitencias, denunciativas de desanimo e de falta de material.

A fome, que se estende pavorosa por todo o imperio germanico, tambem já se faz sentir atrozmente no seio das suas tropas.

O ano agricola foi, sem duvida, bom; mas exgotaram-se as reservas, e não ha maneira de rom-



O czar da Russia

per esse bloqueio economico, dentro do qual a Alemanha se vê cada vez mais apertada.

Pouco ou nada lhe entra por mar e pelas fronteiras que, nem por sombras, possa iludir as suas tremendas necessidades. Isolou-se de todo

o mundo pela loucura da sua ambição, pela desumanidade do seu procedimento; o mundo vê-a com horror pela profunda perturbação que lhe trouxe e pela selvageria que n'ela desonra a especie humana.

Se, por um lado, pois, o inverno pôde retar-



Na Argonne: A desobstrução d'uma linha ferrea feito pelos francezes para a passagem da artilharia pesada (Clichés Branger).

dar a liquidação pelas armas, da monstruosa falta de lealdade e de respeito internacional em que a Alemanha incorreu para com os paizes aliados, o inverno ameaça-a de uma tortura que bem poderá ser o principio da sua justa expiação — a tortura da fome!

Mas aquelle feito soberbo e arrogante ainda aparentemente se não dobra. Apregoam que as suas fabricas ainda trabalham, quando os que de lá conseguem escapar-se dizem-nos que não ha



*O arquiduque Frederico da Austria, nomeado generalissimo do exercito austriaco*



*O arquiduque Eugenio da Austria, novo comandante das forças austriacas contra a Servia*

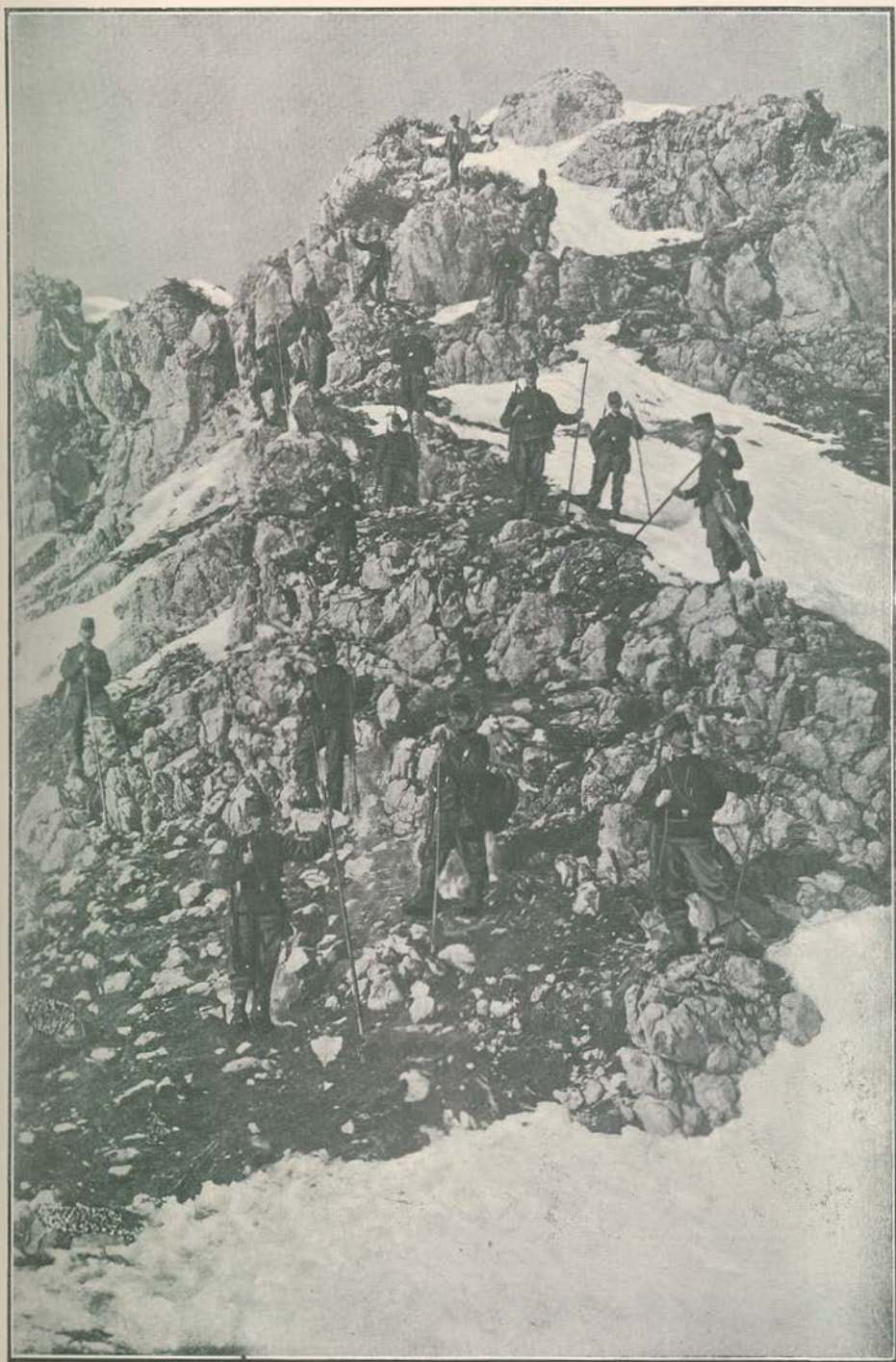
braços nem materia prima e que toda a industria paralisa a olhos vistos; que os seus campos estão desertos e se vão tornando em maninhos; que os seus celeiros, os seus armazens, os seus monumentos depositos, etc. estão cheios mas é de feridos, que tambem dentro em pouco terão talvez com que salvar-se da morte! Tal é a situação

terrivel em que a Alemanha se vê baldeada por uma guerra que ela provocou n'um sonho d'ambição cruel.



*Um tumulo no campo de batalha*





*Patrulha austriaca nos Carpathos*



1. Depois de um dos combates de Vermelles: Identificação, por um oficial, dos mortos abandonados no campo.

2. Canhão francez de 75 fazendo fogo sobre um aeroplano alemão em Ypres.





1

1. Soldados ingleses nas margens do Orange abrigados atrás de uma barricada. («Clichê» Branger).

2. No Camarão: Sentinela alemã.

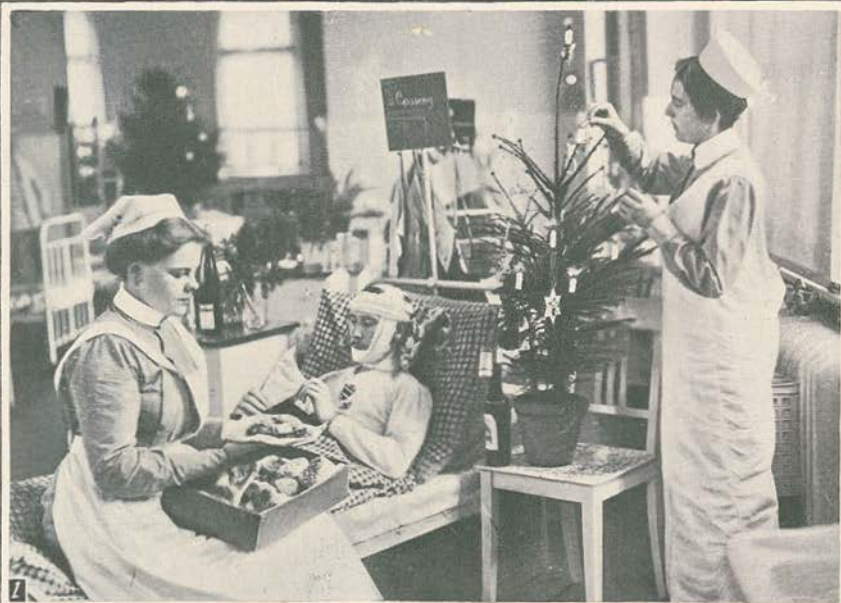


2



3

Tropas indígenas no Camarão



1. A arvore do Natal n'um hospital de sangue

2. Festejando a noite de Natal n'um hospital





*Feridos austriacos aguardando o comboio que os ha de levar para o hospital*



*Nos Vosges: Os soldados d'artilharia alpina desmontando uma peça*





1. Em Paris: Uma senhora colocando a bandeira belga ao peito d'um «boy-scout». —(Cliché Chusseau-Flaviens). —2. Nos Vosges: Os alpinos assestando uma peça de 65 centímetros. —(Cliché Branger). —3. Tropas indianas na ala esquerda dos aliados.



Combates e combates chegam à Alemanha cheios de feridos





1. N'uma cave de Reims: Celebrou-se a missa do galo n'uma adega de vinhos generosos, armada em capela.
2. Senhoras de Reims trabalhando n'uma cave para os feridos durante o bombardeamento dos alemães.



*Artilharia austriaca n'uma das suas posições de combate, cercada de neve.—(«Cliché» Abeniacar).*



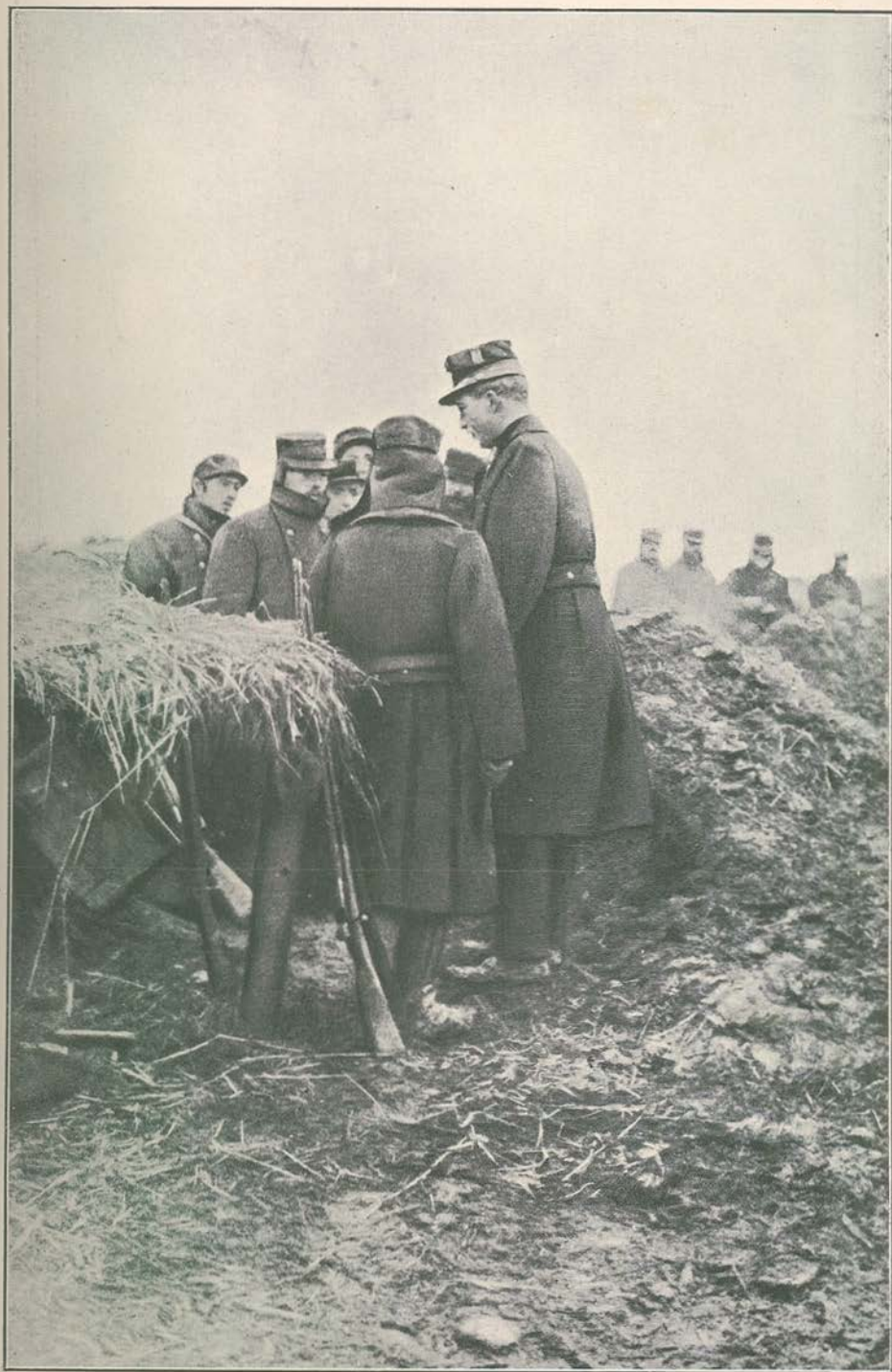


2



3

1. Atiradores senegaleses em marcha  
2. Em Paris: Exercícios de novos recrutas franceses



Rei e camarada: O soberano belga, nas trincheiras, conversando com os seus soldados





*Russos tomando alguma coisa quente antes de partirem para o campo da batalha*

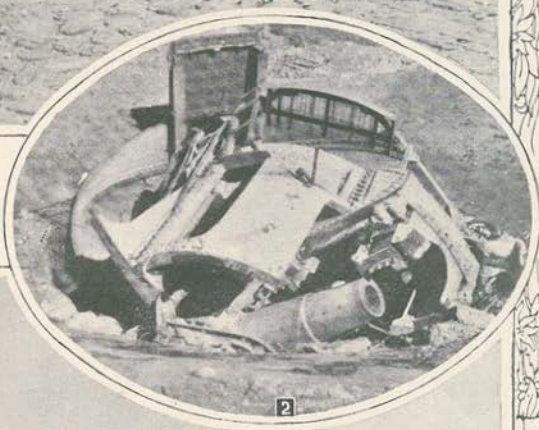


*Cavalaria russa a caminho do Caucaso*



1. Uma mulher russa conversando com o seu marido, prisioneiro dos alemães.

2. Um obuz alemão de 28 centímetros destruído pelos japoneses em Tsing-Tao.



Um torpedeiro a toda a velocidade



# Os artistas e a guerra

## Souvenir de Paris.



1

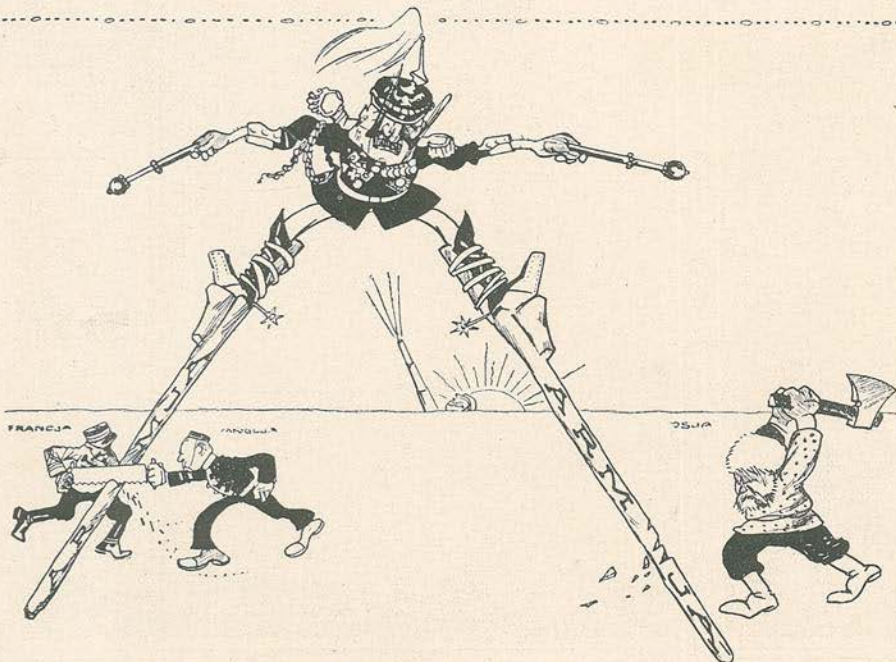


## Bilhete postal italiano



## Bilhete postal feito pelos alemães

## Parada das ultimas reservas



## Os aliados partindo-lhe as andas

(Do Mucha).

N'UM HOSPITAL EM BIARRITZ



1



2



3



4

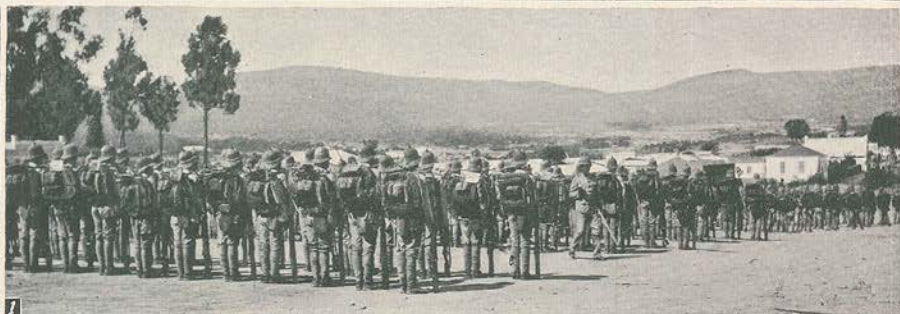


5

1. O menino José Lourenço da Luz (Coruche) ligando um pé a um ferido, no «Carlton-Hotel» em Biarritz, transformado em hospital de sangue.—2. Duas enfermeiras francezas.—3. Enfermeiras passeando um ferido.—4. O menino José Lourenço da Luz (Coruche), acompanhando um convalescente.—5. Grupo de senhoras enfermeiras no «Carlton-Hotel» em Biarritz, vendo-se no primeiro plano o menino José Lourenço da Luz (Coruche). — («Clôches» do distrito amador sr. Antonio Luz (Coruche).



# O combate de Naulila



Formatura dos soldados portugueses no Lubango, antes de partirem ao encontro dos alemães

Já o paiz sabe quaes as perdas que tivemos no sul d'Angola, no combate de Naulila travado entre as nossas tropas e as alemães que invadiram o territorio portuguez inesperadamente, sem declaração de guerra. Foram 58 mortos, 34 feridos, 53 desaparecidos e 2 prisioneiros. E' pouco para o que fantasiava um desalmado terrorismo que se compraz com as desditas do paiz; é tambem pouco para o revez que podiamos ter sofrido se o numero esmagador dos alemães não fosse equilibrado pela valentia e pelo patriotismo dos nossos soldados; mas é muito, muitissimo, como afronta aos nossos direitos, como repto insolente aos nossos brios.

Quando esse punhado de rapazes valentes, levando no coração a Patria e a familia, atravessaram o Lubango em direcção á fronteira, onde sabiam que se iam bater com um numero desproporcionado de inimigos, nenhum d'elles se mostrava quebrado pelo clima de Africa ou apreensivo pelas noticias que vinham do sul; todos ardiam do desejo de se deffrontarem quanto antes com os invasores, de castigar a sua primeira arremetida e rechacal-os para

fôra do solo portuguez. E continuavam a marchar ao seu encontro levantando brados entusiasticos pela Patria e pelo nome portuguez.

Por todas as povoações que passavam eram aclamados como heroes ansiosamente esperados para conjurar o dominio estranho e despotico que as ameaçava esmagar.

No meio d'esse entusiasmo havia quem receasse pela inefficacia dos contingentes que tão garbosamente avançavam para os alemães, porque era notoria desde muito a accumulção das suas forças na fronteira. Não era um ou dois mil homens que iam conter uma onda de dez ou doze mil, como infelizmente se reconheceu.

A' defeza da nossa primeira colonia que já então se impunha, junta-se hoje a inadivavel obrigação de vingar essa centena de portuguezes, que foram victimas do seu dever. Assim o espera confiadamente todo o paiz, para seu desagravosocego, do amor patrio e da coragem dos que partem a reforçar os seus irmãos sobre cuja situação delicada não pôde infelizmente haver a menor duvida.



Grupo de sargentos que fazem parte da expedição a Angola



Chegada ao Lubango das bagagens das tropas portuguezas («Cliches» do distinto photographo sr. Teles Grilo).





*Partida da cavalaria portuguesa do Lubango para o Cuamato, onde se deu a invasão alcmã.—(«Clichés do distinto fotografo amator sr. Teles Grilo)*



# Figuras e factos

Eduardo de Noronha. — O ilustre escritor e nosso amigo sr. Eduardo de Noronha, que possui as mais admiráveis faculdades de trabalho e que é infatigável no seu labor, dando-nos amiúde provas do seu talento extraordinário, mimoseou-nos com mais um livro de grande valor. Intitula-se «O Vulcão da Europa» e compila n'ele toda a documentação histórica e narrativa da atual conflagração europeia. E', como se vê pelo assunto, um livro sob todos os pontos de vista interessante, porque a



materia n'ele contida elucidada com clareza os precedentes que motivaram tão horroroso conflito. O sr. Eduardo de Noronha occupa-se dos mais notáveis acontecimentos das chancelarias dos paizes beligerantes e das cenas mais emocionantes que se deram nos campos de batalha desde o início da guerra até ao dia 26 de dezembro ultimo. E' um belo livro.



1. O sr. Eduardo de Noronha.—2. As alunas do Albergue das Crianças Abandonadas que tomaram parte na recita realizada no teatro Politeama e que representaram a opereta «A galinha preta».—3. Alunas do Asilo de Santa Catarina e o seu professor de musica, diretor do mesmo Asilo, sr. Manuel Gomes.—(«Cithés» Benoliel).





Visita de estudo — O liceu Pedro Nunes, da ilustrada direção do sr. dr. Sá e Oliveira, é um estabelecimento modelar de instrução pela ordem, pela excelência dos metodos e pela feição pratica do ensino. Um grupo de alunos da 1.<sup>a</sup> turma, 4.<sup>a</sup> classe, visitou as vastas e completas oficinas do *Seculo*, dirigida pelo seu distinto e zeloso professor, sr. João da Silva Correia, proporcionando-lhe todas as

Os alunos do liceu Pedro Nunes no *Seculo*: 1. O fiscal das oficinas, sr. Faisca; 2. O illustre professor sr. João da Silva Correia «Cliché Benollet»

explicações precisas o inteligente fiscal das mesmas oficinas, sr. Faisca, que os acompanhou durante a visita, que constituiu uma ótima lição pratica para os briosos rapazes.

**Paulo Barreto.**—Este escritor brasileiro, tão conhecido e admirado em Portugal, realisoou ha pouco no Rio de Janeiro uma conferencia notabilissima sobre o *Heroismo—Razão de Vida*. O autor da *Bela Madame Vargas*, do *Portugal d'Agora*, e de tantos outros belos livros, foi aplaudidissimo, como se verifica pela leitura dos jornaes brasileiros. E, falando n'uma festa a favor da Cruz Vermelha Franceza, mais uma vez demonstrou a sua velha amizade e simpatia pela causa latina, que tem n'ele um defensor corajoso e lucido, de talento incomparavel e de sensibilidade vibrante.



O sr. Paulo Barreto (João do Rio), diretor da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro



Novo quartel de bombeiros: O chefe do Estado, o presidente do Senado municipal e a comissão executiva do municipio «Cliché Benollet»

A expansão do *Seculo*. — No Bairro do Rego, um dos mais novos e mais populosos de Lisboa, estabeleceu o *Seculo* mais uma das suas sucursaes. Assim terão os seus moradores noticias dos principaes acontecimentos muito antes da saída das suas edições no placard da nova sucursal montada no estabelecimento do sr. Albino de Carvalho, na rua da Beneficencia, letras F. F.



A nova sucursal do *Seculo* na rua da Beneficencia, no Rego: A' porta, o sr. Albino de Carvalho, ativo e inteligente proprietario do estabelecimento.—«Cliché Benollet».





Salão de estudo



Salão de musica



Salão de refeições



Parque de jogos e vista panorâmica da cidade de Lisboa e rio Tejo



Salas da direcção

(«Clichés» do fotografo  
sr. João Canela).

Por julgarmos de interesse publico, damos hoje algumas gravuras do magnifico Colegio que abriu ha poucos dias e que tem sido bastante procurado por familias para a educação de seus filhos. E' digno d'uma visita para se avaliar bem do extremo cuidado e conforto que presidiu ás suas instalações, tanto fisico como moral.

que presidiu ás suas instalações, tanto fisico



# TEATROS



O ator Carlos d'Oliveira na peça *O sr. Brotonneau*.

## «O senhor Brotonneau», no teatro de S. Carlos

Este sr. Brotonneau todos nós o temos encontrado na vida. A Providencia fez d'ele um ser ridiculo, quando sofre e quando gosa. A sua dôr é, como a sua alegria, grotesca. Na moderna litteratura dramatica franceza, é irmão de «Poliche» e, como o protagonista da peça de Henri Bataille, um amoroso. E' um bom; é um simples. A bondade n'ele é fraqueza; a simplicidade é risivel. E porque é bom e porque é simples, é um desgraçado, mas, para cômulo, a sua desgraça não tem sequer a nobreza romanesca das lagrimas. A sua desgraça é comica. E foi d'esta farça infinitamente triste, que De Fiers e esse pobre Cail-lavet, ha dias morto, extrairam a ironia pungente e a emoção, deliciosamente espirituosa, d'esses tres atos agora representados em S. Carlos. Mais ainda: Brotonneau, á semelhança do *Marchand de Bonheur*, de Kistemæckers, quando pretende semear em torno de si a felicidade e a ternura, só espalha o infortúnio e a tristeza. Pertence á raça dos predestinados e dos incompreendidos. Al d'ele! ha-de ser grotesco até na morte!

E' esta a nobre e molieresca comedia que, como o seu protagonista, tambem não foi, segundo parece, compreendida. Houve quem a julgasse imoral, como aconteceu ao sr. Brotonneau, tambem considerado imoral por todos, quando quiz conciliar a vida e a sua consciencia, a honra e o amor! Contradições extranhas! Poucas pessoas reconheceram em Brotonneau uma das figuras burguezas mais expressivas, mais sobriamente tratadas, da farça franceza contemporanea—e poucas pessoas, aplaudindo a deliciosa comedia, tiveram a consciencia de que applaudiam a mais bela, mais humana peça dos autores applaudidissimos do *Roi e da Primerose*.

O sr. Brotonneau deu logar a uma impressiva e notavel criação do grande ator que é o sr. Chaby Pinheiro.

## «O Coração Manda», no Teatro Nacional

Ha trinta anos ou mais que esta peça está feita.

Os nossos paes conheceram-na sob o título *Vida d'um rapaz pobre*—e, desde então, até hoje, quantas versões, masculinas e femininas, tem tido este tema, romantico e banal, dos amôres da millionaria ou da do millionario pelo secretario ou pela dama de companhia da casa! Desde Ohnet, desde o *Marquez de Villemor* de George Sand, até á *Catarina*... até ao *Coeur dispose* que Croisset escreveu, mais do que com talento litterario, com um infinito tato teatral—quantas comedias e quantos dramas, Deus do Ceu!, tem dado esta litteratura romanesca do orgulho na peça *O Sr. Brotonneau* amoroso e do triunfo lirico e inofensivo da inocencia e do desinteresse apaixonados! Em todas estas peças, ha um inevitavel ato passado na biblioteca da casa; inevitaveis duquezas; a inevitavel expulsão do secretario ou da dama de serviço; o inevitavel casamento que se prepara na decima segunda cena do ultimo ato e que anda, como se diz das trovoadas, a acumular-se desde o 1.º ato—que é quando chega o futuro amoroso pobre ou a amorosa orfã.

Quem, no entanto, quizer ver como d'um velho tema um admiravel comediografo consegue extrair uma obra nova, interessante e respirando juvenlidade, vá ao Teatro Nacional, onde, de resto, lhe será dado o prazer de aplaudir, n'um fugaz regresso pelo teatro de declamação, o talento, sempre elegante e terno, da sr.ª D. Palmira Bastos. *Le Coeur dispose* é uma peça interessante e, sendo velha no seu fundo, moderna nos seus processos. O antigo teatro allia-se n'esta obra, como disse Brissson, á exactidão do teatro de hoje. E ha, no segundo ato, duas ou tres cenas que podem e devem considerar-se modelares, pela energia e pela sobriedade.

*Le Coeur dispose* é afinal, meus amigos, a historia sentimental e o lindo conto de fadas de todas as adolescencias romanescas. E', por isso, que o seu entredo é velho—e é novo.

Ilustrações de Hippolyte Colomb.

A. DE C.



A distinta atriz Palmira Bastos, actualmente no Teatro Nacional



O final do 1.º ato da peça *Agua Negra*, representada pela companhia do Apolo, actualmente no Porto—(Cliché Benoit).